

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Eixo Temático: Educação e Currículo

O QUE SABE QUEM ERRA? Reflexões a partir de Maria Teresa Esteban sobre avaliação.

WHAT DOES THE ONE WHO MAKES MISTAKES KNOW? Reflections on assessment based on Maria Teresa Esteban. .

Amanda Carvalho Sibulinski ¹

RESUMO

O presente trabalho discute o erro como elemento constitutivo do processo de aprendizagem, compreendendo-o não como falha, mas como potência pedagógica capaz de revelar hipóteses, estratégias e trajetórias cognitivas dos estudantes. Historicamente associado à incapacidade e ao fracasso escolar, o erro, quando interpretado sob uma perspectiva formativa, pode orientar intervenções pedagógicas comprometidas com a aprendizagem e com a democratização da avaliação. O estudo fundamenta-se em abordagem qualitativa e interpretativa, articulando registros reflexivos oriundos do cotidiano escolar com análise bibliográfica baseada em Esteban (2003, 2008, 2021), Hadji (2001) e Domingos (2011). Os resultados evidenciam que práticas avaliativas centradas na padronização tendem a silenciar percursos diversos e a desqualificar linguagens não hegemônicas. Em contrapartida, reconhecer o erro como revelador do funcionamento cognitivo possibilita compreender o processo de aprendizagem para além do produto final, valorizando múltiplas formas de expressão do conhecimento. Conclui-se que a potência do erro reside em sua capacidade de reorganizar o ensino, fortalecer o diálogo pedagógico e contribuir para práticas avaliativas mais sensíveis, éticas e democráticas.

Palavras-chave: Avaliação. Erro. Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper discusses error as a constitutive element of the learning process, understanding it not as a failure, but as a pedagogical potential capable of revealing students' hypotheses, strategies, and cognitive trajectories. Historically associated with incapacity and school failure, error, when interpreted from a formative perspective, can guide pedagogical interventions committed to learning and the democratization of assessment. The study is based on a qualitative and interpretative approach, articulating reflective records from daily school life with bibliographic analysis based on Esteban (2003, 2008, 2021), Hadji (2001), and Domingos (2011). The results show that assessment practices centered on standardization tend to silence diverse paths and disqualify non-hegemonic languages. In contrast, recognizing error as revealing cognitive functioning makes it possible to understand the learning process

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Pedagoga pela UNIJUI. Professora da Rede Municipal de Educação de Ijuí/RS. E-mail: amanda.sibulinski@sou.unijui.edu.br

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

beyond the final product, valuing multiple forms of knowledge expression. It is concluded that the power of error lies in its ability to reorganize teaching, strengthen pedagogical dialogue, and contribute to more sensitive, ethical, and democratic assessment practices.

Keywords: Assessment. Error. Learning.

INTRODUÇÃO

O erro, historicamente, foi associado à incapacidade, ao fracasso e à desqualificação do estudante. Estudos de pesquisadores como Maria Teresa Esteban e Bruna Pina (2021), nos traz reflexões sobre o erro a partir de seu potencial revelador maior sobre o processo de aprendizagem do que o acerto, pois explicita hipóteses, caminhos de pensamento, estratégias e possibilidades criativas. Nessa perspectiva, ele não deveria ser tratado como obstáculo, mas como elemento pedagógico essencial para compreender o percurso do aluno e orientar intervenções formativas. Assim, compreender o erro como potência e não como falha representa uma mudança significativa, pois desloca a avaliação do julgamento para a escuta pedagógica.

Esteban e Pina (2021) provoca a compreensão de que a avaliação não pode ser reduzida a um momento final ou burocrático, pois ela está interligada a todo o processo educacional. A autora enfatiza que a avaliação só ganha sentido quando se articula à reflexão sobre os mecanismos que produzem fracasso e sucesso escolar, questionamento que, inclusive, motivou sua escrita. Essa perspectiva desloca a avaliação do lugar tradicional de encerramento de ciclos e a reposiciona como parte integrante do processo formativo, tensionando concepções que ainda predominam na escola, nas quais avaliar é “fechar etapas”, e não compreender caminhos de aprendizagem e promover continuidade.

Essa pesquisa traz, em sua proposta, a intenção de refletir sobre o erro como elemento constitutivo do processo de aprendizagem, compreendendo-o não como falha, mas como potência pedagógica capaz de revelar ideias, estratégias e percursos construídos pelos estudantes.

A construção desta reflexão fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise de experiências vivenciadas no cotidiano escolar e na problematização do erro como dimensão constitutiva da aprendizagem. Para sustentar teoricamente as discussões, foram analisados e refletidos textos de Esteban (2003, 2008,



2021), Hadji (2001) e Domingos (2011), autores que contribuem para compreender a avaliação para além de uma lógica classificatória, evidenciando o erro como parte do processo formativo e como possibilidade pedagógica de leitura dos percursos de aprendizagem. Vale ressaltar, o estudo articula vivências docentes e referencial teórico, buscando interpretar como o erro pode ser reconhecido como potência no processo educativo e como elemento fundamental para práticas avaliativas mais sensíveis e democráticas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A reflexão desenvolvida neste trabalho insere-se em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, voltada à compreensão do erro como dimensão constitutiva da aprendizagem e como elemento revelador dos percursos formativos dos estudantes. O estudo foi construído a partir da análise de experiências vivenciadas no cotidiano escolar, tomando como referência situações pedagógicas concretas que evidenciam diferentes formas de manifestação do erro e seus sentidos no processo avaliativo.

Como procedimento de produção do material empírico, foram utilizados registros reflexivos elaborados a partir de observações em sala de aula e de episódios significativos relacionados às práticas de ensino e avaliação, especialmente no contexto de alfabetização. Esses registros foram compreendidos como fonte de análise, permitindo interpretar o erro não como falha ou insuficiência, mas como expressão de hipóteses, estratégias e modos singulares de construção do conhecimento, conforme a postura avaliativa assumida pelo docente.

Paralelamente, a reflexão foi sustentada por um movimento de estudo teórico e análise bibliográfica, fundamentado em autores que discutem a avaliação em sua dimensão crítica, formativa e ética. Foram mobilizados textos de Esteban (2003, 2008, 2021), Hadji (2001) e Domingos (2011), os quais contribuem para compreender a avaliação para além de uma lógica classificatória, problematizando seus efeitos pedagógicos, simbólicos e sociais no cotidiano escolar. Nesse diálogo, assume-se que avaliar não pode se limitar à constatação, pois envolve processos que interrogam, desafiam e propõem novas possibilidades pedagógicas (Esteban, 2021).

Nessa perspectiva, Esteban e Pina (2021) afirma que:

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Os processos cotidianos, os desafios da sala de aula, os encontros entre docentes e discentes indicam que o modelo de avaliação hegemônico, articulado pela lógica monocultural e constituído por prescrições, não responde satisfatoriamente às demandas que a sociedade pluricultural faz a uma escola pública que se pretenda democrática (Esteban; Pina, , 2021, p. 430).

Nos procedimentos de análise, o erro foi compreendido como forte elemento na construção de aprendizagens não sendo interpretado como fator de desqualificação do/a estudante, mas como possibilidade de leitura dos trajetos formativos construídos ao longo das experiências escolares. Assim, assumiu-se como orientação interpretativa que o erro não invalida o processo de aprender, do mesmo modo que a diferença não sustenta nem justifica a desigualdade, pois ambos evidenciam conhecimentos, desconhecimentos, experiências e culturas presentes na sala de aula, exigindo uma postura pedagógica pautada no diálogo (Esteban; Pina, 2021).

Dessa forma, o percurso metodológico articula vivências docentes e referencial teórico, permitindo construir uma análise interpretativa sobre como o erro pode ser reconhecido como potência no processo educativo e como base para intervenções formativas e práticas avaliativas mais sensíveis e democráticas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O erro pode revelar mais sobre o processo de aprendizagem do que o acerto, pois explicita hipóteses, caminhos de pensamento, estratégias e possibilidades criativas. Assim, ele não deveria ser tratado como obstáculo, mas como elemento pedagógico essencial para compreender o percurso do aluno e orientar intervenções formativas. Essa perspectiva rompe com concepções tradicionais que associam errar a fracassar e desloca o foco para o entendimento do processo vivido pelo estudante.

Compreender o erro como potência exige deslocar a avaliação do julgamento para a escuta pedagógica. Por vezes, fomos silenciados diante das diferenças de respostas, sem que se questione: o que aquele que erra sabe? Antes de apontar o que ele não sabe. Nesse sentido, o erro passa a ser visto como ponto de partida para o diálogo pedagógico, possibilitando reconhecer que o estudante não erra por ausência de pensamento, mas porque está elaborando possibilidades e buscando caminhos.

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Dessa forma, a reflexão pode ser articulada com Esteban (2008), quando a autora afirma que “legitimar uma única perspectiva epistemológica, um único universo de conhecimentos, um único processo cognitivo, um único conjunto de valores, é um modo de desqualificar tudo que se diferencia do que se assume socialmente como padrão” (Esteban, 2008, p. 17). Assim, ao legitimar apenas um caminho como válido para alcançar o acerto e tratar os demais percursos como erro, corre-se o risco de moldar e silenciar os sujeitos, negando suas linguagens, seus discursos e seus processos cognitivos, além de reforçar práticas avaliativas que desconsideram a diversidade presente no cotidiano escolar.

Pierre Vermersch, em sua tentativa de fundar uma pedagogia do funcionamento cognitivo sobre o diagnóstico do registro de funcionamento, preconiza uma abordagem positiva do erro. O diagnóstico preciso do registro de funcionamento cognitivo em jogo, apoiando-se em um modelo teórico explícito que permita inferir de modo defensável mecanismos intelectuais subjacentes, deveria possibilitar a compreensão da natureza dos erros. O erro não é simplesmente um não-acerto, que deve ser lamentando, ou cujo absurdo deveria ser condenado. (Hadj, 2001, p.98-99)

Essa potência do erro se evidencia quando o estudante encontra formas alternativas e significativas de participação. Um exemplo prático visto em uma das práticas na escola foi quando uma aluna, durante uma atividade de medidas não convencionais utilizando o palmo como referência, não conseguiu escrever o nome dos elementos que havia medido e, diante disso, perguntou se poderia desenhar. Em vez de desistir, ela desenhou a lixeira e registrou o número 5, expressando que aquele objeto tinha cinco palmos de altura. Isso não representa um “erro”, mas uma forma alternativa e significativa de participação, que revela compreensão do conceito e conexão com seu entorno. A estudante se colocou dentro de suas possibilidades e atribuiu sentido, demonstrando que avaliar também exige reconhecer múltiplas linguagens e diferentes formas de expressão do conhecimento.

Essa experiência evidencia que o erro pode funcionar como revelador de estratégias e de sentidos construídos pelo estudante, mostrando que aprender não se reduz ao domínio formal da escrita ou ao acerto de respostas padronizadas. O erro, quando acolhido e interpretado, torna-se uma via para compreender o percurso do aluno e planejar intervenções que respeitem sua forma de pensar e de se expressar.

A avaliação, em um contexto de ensino, tem o objetivo legítimo de contribuir para o êxito do ensino, isto é, para a construção desses saberes e competências pelos alunos.



O que parece legítimo esperar do ato de avaliação depende da significação essencial do ato de ensinar.(Hadji, 2001, p.15)

Hadji (2001) contribui para a compreensão de que a avaliação, no processo educativo, não deve se restringir à atribuição de notas, à classificação ou à seleção dos estudantes, mas precisa estar a serviço do êxito do ensino, favorecendo a construção de saberes e competências. Retomando a situação da estudante que utilizou desenhos para representar as palavras, observa-se que, mesmo em processo de alfabetização, ela encontrou uma forma alternativa de registrar sua compreensão. Nesse caso, se o professor exigisse exclusivamente a escrita convencional, poderia desconsiderar o objetivo central da atividade, que consistia em compreender a possibilidade de medir objetos utilizando o próprio corpo como referência.

Nesse horizonte, os registros analisados evidenciam que a compreensão do erro ultrapassa uma dimensão meramente técnica, assumindo implicações éticas e pedagógicas diretamente relacionadas ao modo como a escola reconhece ou desqualifica percursos de aprendizagem. Ao dialogar com Esteban (2008), percebe-se que a valorização de um único padrão de resposta tende a produzir silenciamentos e a limitar a legitimidade de outras formas de pensar e expressar conhecimentos, especialmente em contextos marcados pela diversidade.

De modo complementar, Hadji (2001) contribui ao afirmar que o erro pode ser interpretado como indicador do funcionamento cognitivo do estudante, constituindo-se como elemento fundamental para orientar intervenções e reorganizar o ensino. Assim, os resultados apontam que uma avaliação comprometida com a aprendizagem requer deslocar o olhar do produto final para os processos, reconhecendo o erro como dimensão constitutiva do aprender e como possibilidade de construção de práticas avaliativas mais dialógicas e democráticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das contribuições de Esteban e Hadji, evidencia-se que o erro ocupa um lugar central na avaliação formativa, pois revela trajetórias cognitivas e pode orientar intervenções pedagógicas comprometidas com a aprendizagem. Romper com valores historicamente atravessados pela escola, nos quais aquele que erra é compreendido como alguém que “nada sabe”, constitui um desafio urgente, que exige novas iniciativas e reposicionamentos no interior da instituição escolar. Retomando o questionamento que inspira este trabalho : “o Que

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Sabe Quem Erra?” torna-se necessário indagar: o que sabem os estudantes que não alcançam a média padronizada estabelecida por modelos avaliativos hegemônicos? Que conhecimentos e experiências permanecem invisibilizados quando a escola reduz a aprendizagem ao acerto mensurável?

Nessa direção, reconhecer a potência do erro implica compreender que os estudantes classificados como insuficientes ou fracassados não representam ausência de aprendizagem, mas frequentemente expressam percursos distintos, marcados por contextos sociais, culturais e subjetivos diversos. Assim, questiona-se o papel da escola quando esta se limita a selecionar aqueles que se aproximam do padrão esperado, reforçando desigualdades e produzindo silenciamentos. Se a escola pretende cumprir sua função social, precisa assumir o compromisso de apoiar os sujeitos em seus processos, contribuindo para que se emancipem dentro de suas possibilidades e ampliem suas condições de participação no mundo.

Por fim, este estudo não tem como objetivo destituir o acerto como potência e substituí-lo integralmente pelo erro, mas ampliar horizontes ao compreender que o erro pode constituir um elemento fundamental de reorganização do processo de ensino e aprendizagem. Ao ser interpretado como expressão de hipóteses e modos de pensar em construção, o erro deixa de ser marca de fracasso e passa a ser oportunidade pedagógica, fortalecendo práticas avaliativas mais dialógicas, sensíveis e democraticamente comprometidas com a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa; PINA, Bruna de Souza Faria. **Silenciamento e diálogo na avaliação escolar**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 22, n. 67, p. 420-433, out. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052021000400420&lng=pt&nrm=iso.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Silenciar a polissemia e invisibilizar os sujeitos: indagações ao discurso sobre a qualidade da educação**. Revista Portuguesa de Educação, v. 21, n. 1, p. 5-31, 2008.

FERNANDES, Domingos. **Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: questões teóricas, práticas e metodológicas**. In: ALVES, Maria Palmira; KETELE,

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO
NO ENFRENTAMENTO
DA CRISE CLIMÁTICA**

 **15 A 17 DE JUNHO DE 2026**

 **SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI**




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

Jean-Marie de (org.). Do currículo à avaliação, da avaliação ao currículo. Porto: Porto Editora, 2011. p. 131-142.

HADJI, Charles. Compreender que avaliar não é medir, mas confrontar com um processo de negociação. In: HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Tradução de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001.